Travessias
ISSN: 1982-5935

Direitos autorais distribuídos a partir da licença *Creative Commons* (CC BY-NC-SA - 4.0)

NOMES DE ILHAS BRASILEIRAS E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Names of Brazilian islands and environmental preservation: an educational experience

Anna Maria Godoy da Silva – godoyanna96@gmail.com
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; https://orcid.org/0009-0003-6199-3333

Márcia Sipavicius Seide – Marcia.Seide@unioeste.br
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; https://orcid.org/0000-0003-2859-1749

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta pedagógica interdisciplinar desenvolvida em aulas ministradas a uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, abordando os nomes das ilhas brasileiras, seus significados e sua importância para a preservação ambiental. A proposta demonstra como o estudo da Toponomástica e da Literatura, articulado à Educação Ambiental, promove a conscientização, a criticidade e a valorização cultural dos estudantes. A relevância do trabalho está na integração entre saberes linguísticos, geográficos e socioambientais, em consonância com a BNCC e com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 14, Vida na Água. O objetivo principal da proposta consiste em relacionar os nomes das ilhas e suas lendas à reflexão sobre identidade cultural e preservação dos ecossistemas marinhos e costeiros. Metodologicamente, a experiência envolve leitura de lendas, discussão coletiva das lendas, análise de cartazes ambientais e produção de cartazes de conscientização. Os resultados evidenciam que a abordagem da Onomástica, quando associada ao estudo de lendas e narrativas populares e à produção de cartazes de conscientização, possibilita uma aprendizagem significativa, estimulando o reconhecimento cultural e o engajamento ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica; Educação Socioambiental; Preservação Ambiental; Ilhas Brasileiras.

ABSTRACT: This article presents an interdisciplinary pedagogical proposal developed in sixth-grade classes in elementary school, addressing the names of Brazilian islands, their meanings, and their importance for environmental preservation. The proposal shows how the study of Toponomastics and Literature, linked to environmental education, promotes awareness, critical thinking, and cultural appreciation among students. The relevance of the work lies in the integration of linguistic, geographical, and socio-environmental knowledge, in line with the BNCC (National Common Core Curriculum) and Sustainable Development Goal 14, Life Below Water. The main objective of the article is to relate the names of the islands and their legends to reflection on cultural identity and the preservation of marine and coastal ecosystems. Methodologically, the experience involves reading legends, collective discussion, analysis of environmental posters, and production of awareness posters. The results reveal that students understood the symbolic and cultural importance of the islands, recognized the need for environmental preservation, and developed attitudes of responsibility and social protagonism. The results show that the onomastics approach, when combined with the study of legends and folk tales and the creation of awareness-raising posters, facilitates meaningful learning, fostering cultural awareness and environmental engagement.

KEYWORDS: Onomastics; Socio-environmental Education; Environmental Preservation; Brazilian Islands.

Recebido em: 19/01/2026 | Aceito em: 28/05/2026

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é relatar uma experiência docente desenvolvida no componente curricular de Língua Portuguesa, voltada à inserção do estudo da Onomástica, área que investiga os nomes próprios e seus significados, em articulação com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS)[1], objetivo 14, Vida na Água[2]. A proposta surgiu da necessidade de promover práticas pedagógicas interdisciplinares que unam linguagem, literatura, cultura e consciência ambiental, favorecendo a formação crítica e cidadã dos estudantes. Para alcançar este propósito pedagógico lendas e contos sobre a origem de ilhas brasileiras foram utilizadas como ponto de partida para se estudar como são estudadas atrelando a nomeação com a questão da preservação ambiental formando um contexto propício à produção textual de cartazes de conscientização ambiental. Do ponto de vista teórico a experiência fundamenta-se nos trabalhos seminais de Dauzat (1932) e Dick (1992) sobre o estudo dos nomes de lugares e sua reinterpretação psicológica proposta por Seide (2020b), além de se pautar nas habilidades recomendada pela Base Comum Curricular Nacional (BNCC) para a componente curricular de Língua Portuguesa nas turmas de oitava série do Ensino Fundamental.

A proposta pedagógica partiu da seguinte pergunta de pesquisa: como o estudo dos nomes de duas ilhas brasileiras e das lendas a elas relacionadas podem contribuir para a reflexão sobre a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável? Parte-se da hipótese de que a abordagem da Onomástica, quando associada ao estudo com lendas e narrativas populares e à produção de cartazes de conscientização, possibilita uma aprendizagem significativa, estimulando o reconhecimento cultural e o engajamento ambiental.

As aulas foram desenvolvidas com uma turma do Ensino Fundamental II, de uma escola pública do município de Toledo, Paraná, e fundamentou-se em uma metodologia qualitativa de caráter descritivo, com observação direta e registro das atividades realizadas em sala. Em seu desenvolvimento foram adotados procedimentos pedagógicos encadeados: leitura de lendas relacionadas às ilhas brasileiras, análise de cartazes ambientais e produção textual criativa, integrando conhecimentos de Literatura, de Língua Portuguesa e de Geografia.

[1] ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: São um conjunto de 17 metas globais estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, dentro da Agenda 2030, com o propósito de promover o desenvolvimento sustentável em suas dimensões econômica, social e ambiental. Os ODS buscam erradicar a pobreza, proteger o planeta, reduzir desigualdades, assegurar educação de qualidade, saúde, igualdade de gênero, consumo responsável, paz e justiça, entre outros desafios globais, promovendo um futuro mais justo, inclusivo e sustentável para todas as pessoas.

[2] ODS 14 – Vida na Água: É o objetivo que busca conservar e utilizar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos. Tem como metas reduzir a poluição marinha, proteger ecossistemas costeiros e marinhos, promover o uso sustentável da biodiversidade aquática e aumentar o conhecimento científico para a gestão sustentável dos recursos hídricos. O ODS 14 enfatiza a importância da conscientização ambiental e da responsabilidade coletiva para garantir a preservação da vida aquática e o equilíbrio dos ecossistemas.

A escolha do tema justifica-se pela importância de sensibilizar os alunos quanto à preservação dos ecossistemas aquáticos valorizando os nomes e as histórias que constituem o patrimônio cultural do país. A proposta ancora-se nos aportes teóricos de Seide (2020), Sato (2010), Carvalho (1998) e Brasil (2018) e Camargo e Seide (2026) entre outros, e é resultado do projeto de extensão "Onomástica Aplicada ao Ensino: Sustentabilidade e Interdisciplinaridade" desenvolvido no período de 08 de abril a 21 de novembro de 2025 [3] e cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da Unioeste. A proposta ora descrita busca demonstrar como o ensino de Língua Portuguesa, ao dialogar com a temática ambiental e os princípios da Agenda 2030[4], pode contribuir para uma educação transformadora, sustentável e socialmente responsável.

Este artigo organiza-se em três seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta o referencial teórico que fundamenta a proposta, destacando as contribuições da Onomástica e da Educação Ambiental para o ensino de Língua Portuguesa. A segunda seção descreve os procedimentos metodológicos adotados na experiência, detalhando o contexto escolar, as etapas do encadeamento de procedimentos e as estratégias de integração entre linguagem e meio ambiente. Na terceira seção, são discutidos os resultados obtidos, demonstrando como se pode articular estudo de lendas, onomástica e preservação ambiental em aulas de Língua Portuguesa Por fim, as considerações finais retomam os principais achados do trabalho e apontam possibilidades de continuidade e ampliação da proposta em outras práticas pedagógicas interdisciplinares.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A *Onomástica* é o estudo dos nomes próprios sua vertente voltada aos nomes de lugares (os topônimos), conhecida como *Toponomástica*, permite compreender como esses nomes funcionam como construções simbólicas que revelam a relação entre o ser humano e o meio ambiente. Cada nome geográfico carrega consigo uma interpretação específica do espaço e um testemunho da memória coletiva e das formas de apropriação do território por diferentes sociedades. O estudo dos topônimos evidencia como a nomeação dos lugares reflete relações sociais, históricas e culturais, podendo revelar, inclusive, o vínculo psicológico entre o nomeador e a terra nomeada (Dick, 1992; Seide, 2020b). No contexto

[3] Projeto de extensão relacionado ao projeto de pesquisa "Onomástica, ODS e Ensino" financiado pela Fundação Araucária: Bolsa Produtividade Edital 23/2023, PRD2023361000041. O projeto de extensão busca demonstrar, na prática, as contribuições do ensino onomástico e do ensino da língua portuguesa de forma interdisciplinar, articulando conteúdos linguísticos e culturais com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

[4] A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano global adotado em 2015 pelas Nações Unidas, que estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para serem alcançados até o ano de 2030. O foco é promover um desenvolvimento que seja socialmente justo, economicamente viável e ambientalmente sustentável, garantindo qualidade de vida para todos e sustentabilidade do planeta Terra.

educacional, o estudo da toponímia (conjunto de topônimos) possibilita analisar como os nomes de lugares registram histórias, tradições e práticas culturais.

A relação entre seres humanos e território passou por transformações históricas e simbólicas que se refletem no processo de nomeação dos lugares. Na Antiguidade, era comum que os nomes das terras derivassem dos povos que as ocupavam, o que evidencia que a coletividade tinha centralidade sobre o espaço geográfico. A nomeação funcionava, portanto, como afirmação de identidade, posse e pertencimento. Com o passar dos séculos, sobretudo a partir do período feudal, ocorre uma inversão nesse processo: os habitantes passam a ser identificados a partir dos nomes dos territórios, reforçando outra concepção de vínculo com a terra (Dauzat, 1932; Dick, 1992).

Compreender essas mudanças históricas permite ampliar o olhar para outras formas de relação simbólica com o espaço, como ocorre entre muitos povos indígenas. Nesses grupos, a nomeação dos territórios não se limita à função geográfica, mas integra memória, espiritualidade e cultura. Os nomes de rios, ilhas e florestas registram narrativas ancestrais, mitos e ensinamentos que expressam a profunda ligação entre a comunidade e o ambiente natural.

2.1 AS LENDAS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS

A explicação mitológica de topônimos indígenas no Brasil permite compreender como os nomes de lugares funcionam como registros de memória coletiva e de práticas socioculturais, refletindo valores, saberes e formas de habitar o território. Além disso, esses nomes contribuem para a preservação da identidade cultural e ambiental, reforçando a importância de integrar o conhecimento indígena à aprendizagem de geografia e à educação ambiental. A abordagem onomástica dos espaços geográficos no Brasil pode revelar tanto aspectos históricos quanto simbólicos e ecológicos, estabelecendo conexões entre linguagem, cultura e sustentabilidade. Nesse sentido, os topônimos, assim como os mitos e narrativas culturais, refletem a interação entre o ser humano e o espaço, registrando valores, práticas e concepções de mundo que atravessam gerações:

> A civilização humana expressou-se em as narrativas, modelando a si próprias no espaço e extensões, cinzelando pedras, plastificando-se em massas, como aliadas simbólicas de sua própria duração. Fossem elas cartográficas e oficiais, ou étnicas nela haveria pegadas de uma universalidade com dificuldades de se estabelecer fronteiras (Bhabha, 2004). Mitos são narrativas lendárias da tradição cultural de um povo, que explica a gênese do universo, funcionamento da natureza ou enaltecimento de crenças religiosas (Eliade, 1986), desempenhando princípios morais e oferecendo regras práticas e cotidianas de orientação dos humanos (Sato; Passos, 2004, p. 53).

Assim, a humanidade registra sua presença e organiza o espaço por meio de narrativas, símbolos e marcas materiais, como pedras, construções e mapas, que funcionam como registros da memória coletiva e da cultura de um povo. Independentemente de serem documentos oficiais ou manifestações étnicas, esses registros refletem valores, práticas sociais e formas de habitar o território, apontando para uma universalidade cultural que ultrapassa fronteiras geográficas.

Além disso, os mitos podem ser vistos como narrativas que explicam a origem do universo, o funcionamento da natureza e as crenças de uma comunidade. Eles cumprem funções morais e práticas, orientando a vida cotidiana e consolidando a identidade cultural. Quando a história da nomeação dos lugares ou sua explicação faz parte da narrativa, os mitos também revelam como os nomes de lugares carregam significados históricos, simbólicos e sociais, conectando linguagem, cultura e memória coletiva.

Os mitos estão presentes em todas as culturas e não podem ser compreendidos apenas como invenções de povos primitivos. São narrativas que participam da construção das nações, atribuindo sentidos às experiências humanas e orientando modos de ver, sentir e agir no mundo (Bhabha, 2004). Como expressões culturais dinâmicas, transformam-se ao longo do tempo e tornam-se parte integrante da identidade dos grupos que os produzem. Em diferentes tradições, figuras fantásticas, seres protetores e relatos de origem explicam fenômenos naturais e sociais, assumindo também importante papel educativo, especialmente no que se refere à relação com a natureza e ao cuidado ambiental (Sato; Passos, 2004).

Esses elementos reforçam que os mitos e as narrativas culturais não são histórias isoladas, mas formas simbólicas que ajudam a moldar a percepção do território e da vida em sociedade. Eles revelam como cada povo interpreta o espaço que habita, atribuindo significados aos lugares, aos elementos naturais e às relações humanas. Assim, os nomes de lugares também carregam essa dimensão simbólica, funcionando como marcas da memória coletiva e como instrumentos de construção da identidade cultural.

Essa perspectiva abre espaço para refletir sobre os povos indígenas do Brasil, cujas lendas e tradições também estão profundamente ligadas à nomeação dos territórios que habitam. Os mitos associados aos topônimos indígenas não apenas identificam lugares, mas transmitem histórias, valores e saberes sobre a natureza, o uso sustentável dos recursos e a espiritualidade. Ao integrar esses conhecimentos à abordagem de Geografia e à educação ambiental, é possível revelar aos estudantes a riqueza cultural e simbólica dos territórios brasileiros, reforçando a importância da preservação ambiental e do respeito às tradições indígenas.

Nesse contexto, a prática educativa com lendas se conecta diretamente ao ensino de Língua Portuguesa, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[5] que prevê o desenvolvimento de competências de leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros textuais, incluindo narrativas literárias e tradicionais. Ao analisar as lendas, os alunos exercitam habilidades de compreensão textual, identificação de elementos narrativos e reflexão crítica sobre o conteúdo, integrando saberes linguísticos, culturais e socioambientais. Além disso, a abordagem interdisciplinar favorece a construção de uma consciência cidadã, reforçando valores como preservação ambiental, respeito à diversidade cultural e protagonismo estudantil. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de lendas no 6º ano do Ensino Fundamental é contemplado na habilidade EF67LP28. Os alunos devem:

> [...] ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros (Brasil, 2018, p. 167).

2.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ODS 14

O ODS 14, Vida na Água, proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU) como parte da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, tem como principal objetivo conservar e utilizar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos, reconhecendo que esses ecossistemas são essenciais para a sobrevivência de todas as formas de vida na Terra. As metas do ODS 14 é reduzir significativamente a poluição marinha, proteger habitats costeiros e oceânicos e promover o uso consciente e responsável dos recursos naturais aquáticos.

No contexto escolar, trabalhar o ODS 14 vai muito além de uma simples abordagem ambiental: significa formar cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com o futuro do planeta. Ao compreender que a água é um bem finito e vital, os estudantes são levados a refletir sobre suas próprias atitudes, percebendo-se como parte de uma rede interdependente que conecta seres humanos, natureza e cultura. Para compreender o papel da escola na formação de cidadãos críticos, é importante destacar que:

> A escola, ao assumir seu papel como agente formador de consciências e construtora de cidadania, pode contribuir diretamente para a superação de contextos de vulnerabilidade. Freire (1996) argumenta que a educação deve estar comprometida com

[5] A BNCC – Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo do Ministério da Educação que define os conteúdos, competências e habilidades essenciais que todos os estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio devem desenvolver.

> a transformação da realidade, e não com sua mera reprodução. Nesse sentido, o espaço escolar torna-se uma arena de disputas, resistências e possibilidades, especialmente quando acolhe sujeitos historicamente marginalizados e oferece-lhes condições para desenvolver uma leitura crítica do mundo e intervir nele (Carvalho, 2025, p. 9470).

Além disso, o ODS 14 incentiva o debate sobre valores éticos e sociais, como solidariedade, empatia e responsabilidade coletiva. Trabalhar esse tema na escola contribui para que os alunos desenvolvam uma consciência planetária, entendendo que cada ação individual – como o descarte de resíduos, o consumo de água ou a proteção dos rios – pode gerar efeitos globais. Assim, a educação ambiental se transforma em uma prática cidadã, capaz de unir ciência, cultura e imaginação.

Nesse sentido, o estudo das lendas das ilhas brasileiras, torna-se uma poderosa ferramenta educativa, pois essas narrativas tradicionais revelam o modo como os povos indígenas e as comunidades locais interpretam a natureza e expressam respeito pelos elementos naturais, como rios, mares e ilhas. Tais histórias, ao personificarem forças da natureza e conferirem sentido espiritual às águas, demonstram uma sabedoria ecológica ancestral, que pode inspirar as gerações atuais a adotarem posturas mais sustentáveis. Para motivar a construção destas atitudes, foi escolhido o trabalho com o gênero cartaz de conscientização.

3 PLANEJAMENTO DAS AULAS

O planejamento das aulas foi organizado para ser desenvolvido durante cinco encontros com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental e fundamenta-se em uma proposta interdisciplinar que articula Língua Portuguesa, Geografia e Educação Ambiental. A abordagem integra o estudo de lendas brasileiras relacionadas a ilhas e ambientes aquáticos com a análise e produção do gênero cartaz de conscientização, em diálogo com a habilidade EF67LP28 da BNCC. Além disso, a proposta se alinha ao ODS 14 – Vida na Água, que orienta ações voltadas à proteção e ao uso sustentável dos ecossistemas marinhos, fluviais e costeiros. Assim, o encadeamento de procedimentos pedagógicos buscou relacionar cultura, território e sustentabilidade por meio de práticas de leitura, análise e criação.

O encadeamento de procedimentos pedagógicos inicia-se com a leitura e interpretação de duas lendas brasileiras: "A Origem dos Índios Karajá" (Poçoscom, s.d.), vinculada à Ilha do Bananal (Tocantins), e "Dom Sebastião e o Touro Encantado" (Aventurebox, s.d.), associada à Ilha dos Lençóis (Maranhão). As narrativas permitem discutir elementos culturais, históricos e geográficos, além de possibilitar o trabalho com aspectos da Onomástica presentes nos nomes de rios, ilhas, personagens e locais sagrados.

Esse estudo contribuiu para que os alunos compreendam como diferentes grupos humanos nomeiam seus espaços e estabelecem relações simbólicas com seus territórios.

Durante as rodas de leitura, os estudantes analisam os espaços geográficos onde as histórias se desenvolvem e identificam as denominações próprias presentes nos textos, observando sua função na construção dos sentidos. Perguntas como "Onde essas histórias se passam?", "Quais elementos naturais aparecem?" e "Por que esses lugares são importantes para a narrativa?" orientam a compreensão leitora e fortalecem a articulação entre cultura, natureza, identidade e linguagem.

De acordo com a lenda sobre "A Origem dos Índios Karajá", eles já existiam em outro lugar junto ao criador deles, no fundo do rio, e um deles atravessou um buraco luminoso para descobrir o que lá havia. Quando voltou e descreveu o que lá havia encontrou e os demais também quiseram lá ir, um dos anciões aconselhou pedirem permissão ao criador. Ao pedido deles, o criador lhes respondeu: "com a liberdade de ir, não serão mais imortais". Todos escolheram passar pelo buraco. A passagem os levou à Ilha do Bananal que fica às margens do rio Araguaia. Após as atividades de leitura e interpretação, foi possível estudar os topônimos presentes na lenda.

Foram ressaltados os substantivos comuns e os substantivos próprios presentes na língua falada pelos indígenas Karajá no texto lido (POÇOSCOM, s.d.), como *aruañas* ("crianças") e *Kanaciué* ("Ser Supremo"). Também foi comentado que o nome do rio possui origem indígena, porém não pertence à mesma língua falada pelos Karajá, uma vez que deriva da língua tupi. Sobre o nome da Ilha do Bananal, destacou-se que a denominação está relacionada às características naturais da região e à presença de extensos bananais (WIKIPÉDIA, s.d.; DICK, 1992). Para ampliar a discussão, comentou-se ainda sobre a planta nativa conhecida como pacová e a semelhança de suas folhas com as da bananeira. Para evidenciar essas relações entre as espécies vegetais, foram exibidos imagens e vídeos.

Com relação à segunda lenda, relativa à Ilha dos Lençóis, pela qual o príncipe português Dom Sebastião é transformado num touro negro com uma estrela na testa que aparece nas dunas da ilha maranhense em noites de lua cheia, para além da interpretação textual e literária, houve uma abordagem onomástica de dois nomes de lugares presentes no texto lido pelos alunos (AventureBox,s/d), Curupu e Ilha dos Lençóis. Após o direcionamento da atenção dos alunos para os topônimos presentes no texto (o que pode ser feito escrevendo os nomes na lousa, por exemplo), foi comentada a origem indígena e tupi do nome do município onde está localizada a ilha, Cururupu e explicar o nome geográfico e descritivo do nome da ilha: que lençóis é sinônimo de dunas. Para que os alunos compreendam a natureza descritiva do topônimo é importante mostrar vídeos ou imagens do lugar, pois as informações visuais do lugar fundamentais para o entendimento da origem da lenda: as dunas lembram o lugar desértico onde o nobre português perdeu a vida lutando em 1578: Acácer Quibir.

Na etapa seguinte, apresenta-se o ODS 14, ampliando a conexão entre literatura e os desafios ambientais contemporâneos. Esse momento visa sensibilizar os alunos para questões como poluição das águas, degradação dos ecossistemas, biodiversidade aquática e preservação dos recursos naturais. Assim,

conteúdos de Geografia são integrados aos aspectos simbólicos e onomásticos das lendas, reforçando a interdisciplinaridade da proposta.

A terceira etapa consistiu na análise coletiva de um cartaz ambiental autêntico. Os alunos observaram sua estrutura composicional, o público-alvo, a hierarquia das informações, o uso de cores, tipografias, imagens e efeitos de sentido. Essa atividade evidenciou como elementos verbais e não verbais se articulam para construir mensagens persuasivas e promover a conscientização ambiental, contribuindo para o desenvolvimento do letramento multimodal.

Por fim, os estudantes produziram em grupos, cartazes digitais de conscientização ambiental utilizando a plataforma Canva[6]. Devem integrar elementos das lendas estudadas aos princípios do ODS 14, selecionando conscientemente cores, imagens, frases de impacto, títulos e símbolos visuais. A etapa desenvolve habilidades de leitura, escrita, comunicação visual e letramento digital. Ao final, cada grupo apresenta seu cartaz e justifica suas escolhas discursivas e estéticas, promovendo oralidade e reflexão crítica sobre sua produção.

4 APLICAÇÃO DA AULA

A aplicação das aulas ocorreu em agosto do ano letivo de 2025, conforme previsto, e revelou uma participação ativa dos estudantes. Desde as primeiras leituras, os alunos demonstraram grande curiosidade pelas lendas e identificaram espontaneamente os nomes geográficos presentes nas narrativas, como Ilha do Bananal, rio Araguaia e Ilha dos Lençóis. Durante as discussões, comentaram, por exemplo, que "os nomes parecem contar a história do lugar" e que "o rio e a ilha ajudam a imaginar a lenda acontecendo de verdade". Outros estudantes relacionaram os nomes às características naturais descritas nos textos, percebendo que muitos topônimos possuem ligação com elementos da paisagem, da cultura e das tradições locais. Esses comentários evidenciaram a compreensão da relevância semântica desses lugares e de sua relação com a construção narrativa, demonstrando apropriação inicial dos fundamentos da Onomástica e consciência do vínculo entre nomeação e identidade cultural.

A apresentação de imagens e vídeos dos locais também foi de extrema importância, uma vez que os estudantes desconheciam os lugares mencionados. Os recursos visuais auxiliaram na construção do imaginário acerca dos espaços narrados, contribuindo para a compreensão das lendas e do caráter descritivo de alguns dos nomes de lugares estudados.

Como evidência dessa compreensão semântica, apresenta-se o Quadro 1.

[6] O Canva é uma plataforma online de design gráfico, criada para permitir que qualquer pessoa possa criar materiais visuais de forma simples, mesmo sem experiência em design. Ele funciona no navegador e também possui aplicativos para celular e tablet.

Quadro 1 – Relações semânticas percebidas pelos estudantes a partir dos topônimos presentes nas lendas

Nome geográfico	Interpretação dos estudantes	Relação percebida
Ilha do Bananal	"O nome tem relação com a natureza do lugar."	Associação entre paisagem e nomeação
Rio Araguaia	"Parece um nome antigo e indígena."	Relação com a cultura indígena
Ilha dos Lençóis	"O lugar parece coberto por lençóis de areia."	Relação entre aspecto visual e topônimo

Fonte: elaborado pelas autoras

Durante as discussões, os alunos conseguiram estabelecer relações entre elementos naturais e personagens. Na lenda dos Karajá, apontaram a água como símbolo de origem, vida e espiritualidade; na lenda de Dom Sebastião, associaram o mar, as dunas e a névoa ao mistério e ao encantamento. Essas interpretações indicam que os estudantes compreenderam as lendas e perceberam como o espaço geográfico influencia o imaginário e a significação cultural.

A apresentação do ODS 14 mobilizou a atenção e a curiosidade dos alunos. Eles relataram situações de poluição em rios próximos à comunidade, mencionaram práticas inadequadas de descarte de lixo e estabeleceram relações diretas entre as paisagens das lendas e os desafios ambientais enfrentados atualmente. Durante as discussões, os estudantes reconheceram que lugares como o rio Araguaia, a Ilha do Bananal e os Lençóis Maranhenses não representam apenas espaços naturais, mas também territórios de memória, identidade cultural e pertencimento de povos tradicionais e indígenas. Esse movimento de aproximação entre o universo literário e o mundo vivido evidenciou avanços no desenvolvimento de conceitos geográficos e culturais, especialmente no que se refere à preservação dos recursos hídricos, ao impacto humano no ambiente e à valorização das culturas vinculadas a esses espaços.

Na análise do cartaz ambiental, os estudantes identificaram o uso estratégico de cores, contrastes, frases curtas e imagens simbólicas, demonstrando compreensão de como esses recursos comunicativos reforçam a urgência e a clareza da mensagem. Reconheceram, ainda, o papel social do gênero cartaz como instrumento de mobilização coletiva e conscientização.

A produção dos cartazes no Canva resultou em trabalhos criativos e coerentes. Após breve adaptação à ferramenta digital, os grupos selecionaram imagens, composições e paletas de forma intencional. Esse processo evidenciou avanços em habilidades linguísticas, digitais, interpretativas e colaborativas. Um dos cartazes criados pelos alunos é reproduzido na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Cartaz de conscientização ambiental produzido por alunos do 6º ano.

Fonte: Produzido pelos alunos (2025)

A Figura 1 apresenta um cartaz com forte apelo visual, construído sobre um fundo marinho em tonalidades azuladas, que remete à profundidade oceânica. Os alunos optaram por incluir dados científicos sobre biodiversidade, oxigenação do planeta e importância econômica dos oceanos, demonstrando compreensão de que argumentos baseados em dados fortalecem a credibilidade do texto. O slogan "Matar isso é matar você" revela o entendimento do impacto direto da degradação dos oceanos sobre a vida humana, alinhando-se aos princípios do ODS 14. A presença do símbolo *#TeamWater* indica apropriação de elementos contemporâneos de comunicação, como hashtags, ampliando o alcance persuasivo da mensagem. Na última linha do cartas há um apelo para que os leitores tenham outra atitude perante a preservação da vida marinha.

Outro exemplo de cartaz produzido pelos alunos é reproduzido na Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Cartaz de conscientização ambiental produzido por alunos do 6º ano.

Fonte: Produzido pelos alunos (2025)

A Figura 2 apresenta uma composição mais lúdica, recorrendo a ilustrações de animais marinhos e balões de fala. Essa escolha demonstra sensibilidade dos alunos para o público-alvo — possivelmente outras crianças e jovens — e indica compreensão de que estratégias visuais diferentes mobilizam leitores distintos. As frases "Não jogue lixo", "Prejudica os animais marinhos" e "Tenha consciência!" reforçam mensagens diretas, acessíveis e de impacto imediato. A imagem central da garrafa riscada evidencia o problema do plástico nos oceanos e conecta a produção ao conhecimento trabalhado nas discussões sobre poluição e preservação.

O cartaz reproduzido na Figura 1 e o cartaz visualizado na Figura 2 revelam não apenas compreensão dos conteúdos ambientais, mas também domínio crescente das características do gênero cartaz e capacidade de articular elementos visuais e verbais em função de uma intenção comunicativa.

As apresentações finais demonstraram maturidade reflexiva. Os grupos justificaram suas escolhas estéticas e discursivas com clareza, explicando a relação entre as imagens utilizadas, os sentidos pretendidos e os conteúdos estudados nas lendas e no ODS 14. Suas falas confirmaram o alcance dos objetivos da proposta interdisciplinar e evidenciaram o entendimento de que cultura, sociedade e natureza são dimensões interdependentes.

Considerando todo o encadeamento de procedimentos pedagógicos adotados, percebe-se como ele culminou na produção dos cartazes de conscientização o demonstra que discussão ambiental se enriquece quando é articulada ao estudo de lendas sobre a origem dos lugares e dos topônimos que lhe

foram atribuídos. Além disso, da perspectiva dos alunos houve interpretação, apropriação de elementos onomásticos e simbólicos, fortalecimento da consciência ecológica, ampliação das habilidades digitais e aperfeiçoamento da comunicação visual. Os resultados da experiência pedagógica evidenciaram a eficácia do encadeamento de procedimentos pedagógicos ao integrar literatura, linguagem, geografia e sustentabilidade de maneira significativa, contextualizada e engajadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta experiência pedagógica, observou-se que o ensino de Língua Portuguesa pode articular-se de forma produtiva com a Geografia e a Educação Ambiental, favorecendo uma aprendizagem interdisciplinar e significativa. O estudo da onomástica das ilhas brasileiras mostrou-se uma ferramenta eficaz para aproximar os estudantes da história, da cultura e do território, evidenciando que os nomes carregam sentidos simbólicos, históricos e ecológicos.

A exploração das lendas "A Origem dos Índios Karajá" e "Dom Sebastião e o Touro Encantado" demonstrou que as narrativas tradicionais não apenas explicam fenômenos e preservam valores culturais, mas também ensinam respeito e cuidado com o meio ambiente. Os alunos compreenderam que preservar rios, mares e ilhas significa proteger tanto a biodiversidade quanto a memória e a identidade das comunidades locais.

A integração do conteúdo à ODS 14 conferiu à prática uma dimensão contemporânea e global. As discussões sobre a conservação das águas estimularam a consciência coletiva, a reflexão sobre hábitos cotidianos e o reconhecimento de que o cuidado ambiental é responsabilidade compartilhada.

Ressalte-se que a produção de cartazes de conscientização ambiental favoreceu o protagonismo estudantil, unindo conhecimentos linguísticos, visuais e ecológicos. Esse processo permitiu consolidar conteúdos, desenvolver habilidades comunicativas e compreender a importância de divulgar mensagens de preservação, a análise dos topônimos indígenas e das narrativas culturais ressaltou o valor dos conhecimentos ancestrais, mostrando que nomes e histórias expressam modos de vida e relações profundas entre cultura e natureza. Essa perspectiva reforçou o respeito às tradições locais e aos saberes indígenas.

De modo geral, a experiência evidenciou que práticas interdisciplinares tornam o aprendizado mais significativo, estimulam o pensamento crítico e fortalecem a consciência socioambiental. A articulação entre onomástica, lendas brasileiras e ODS 14 mostrou ser uma estratégia pedagógica eficaz, capaz de integrar conhecimentos, promover engajamento e incentivar atitudes sustentáveis.

Conclui-se que a prática desenvolvida com os alunos do 6º ano fortalece uma visão educativa que ultrapassa os limites disciplinares, convidando os estudantes a compreender o mundo de forma ampla,

crítica e sensível. Ao relacionar linguagem, cultura e meio ambiente, a experiência contribuiu para a formação de sujeitos capazes de reconhecer a diversidade cultural, valorizar o patrimônio natural e posicionar-se de maneira responsável diante dos desafios ambientais atuais. Além disso, demonstrou que o uso de narrativas tradicionais e de ferramentas digitais pode potencializar o protagonismo juvenil, estimulando a criatividade, a autonomia e a participação ativa em ações de transformação social. Assim, esta proposta reafirma o papel da escola como espaço de construção de consciência ecológica, cidadania e respeito às múltiplas identidades que compõem o território brasileiro.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Araucária/SETI.

REFERÊNCIAS

AGENDA 2030. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: http://www.agenda2030.com.br/. Acesso em: 1 out. 2025.

AVENTUREBOX. *Dom Sebastião e o Touro Encantado*. Lendas dos Lençóis Maranhenses. Elas Outdoor, [s.d.]. Disponível em: https://aventurebox.com/elas-outdoor/lendas-lencois-maranhenses. Acesso em: 5 out. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 6 out. 2025.

CAMARGO, A.K.de; SEIDE M. S. O nome próprio de pessoa como hipercódigo em "Do modo cruel como se exterminam baratas", de Paula Giannini: um estudo exploratório. *Estud. Lit. Bras. Contemp*, Brasília, n. 75, e7503, p.1-21 2026. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2316-40187503

CARVALHO, I. C. M. *Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente; Ministério da Educação e do Desporto; UNESCO; UNICEF; Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPE, 1998. (Cadernos de Educação Ambiental). ISBN 85-86838-01-02.

CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).

DE CARVALHO, A. S. M. *Educação e os objetivos da agenda 2030*: a escola como agente de transformação diante da sustentabilidade, pobreza e desigualdade. Lumen et Virtus, São José dos Pinhais, PR, v. 16, n. 50, p. 9468–9479, 2025. DOI: 10.56238/levv16n50-095. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/6930. Acesso em: 18 out. 2025.

DICK, M. V. P. A. *Toponímica e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

MINDLIN, B. *O fogo e as chamas dos mitos*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 149–169, 2002. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/9853. Acesso em: 2 out. 2025.

MIZERSKI, H. J. C.; ROSA, M. C.; ANTIQUEIRA, L. M. O. R. Saída de campo como estratégia metodológica em educação ambiental: o uso de lendas para a conservação da natureza. *Cadernos de Educação Ambiental,* [S. l.], n. 27, p. 1-15, 2022. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/13560/9722. Acesso em: 5 out. 2025.

POÇOSCOM. A origem dos índios Karajá – Lenda brasileira. Disponível em: https://pocoscom.com/a-origem-dos-indios-karaja-lenda-brasileira/. Acesso em: 5 out. 2025.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Arte-educação-ambiental. *Ambiente & Educação*: Revista de Educação Ambiental, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 43–59, 2010. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1136. Acesso em: 2 out. 2025.

SEIDE, M. S. Aspectos psicológicos da nomeação de lugares. *GTLex*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 129-146, jul./dez. 2020. DOI: 10.14393/Lex11-v6n1a2020-8. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/55968. Acesso em: 2 out. 2025.

SMEK UBERNA, T.; TREVISAN LEIVAS, P. O ensino e aprendizagem em Educação Ambiental: experiências das crianças com os anfíbios na Educação Infantil. *REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 297–319, 2024. DOI: 10.14295/remea.v41i2.15757. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/15757. Acesso em: 1 out. 2025.

SILVA, T. J. B.; MORAES, P. H. V. A nomeação dos topônimos: memória e história em confronto entre o passado e presente. *Revista do Departamento de Letras*, Universidade Federal do Maranhão, v. 10, 2015. ISSN 2177-8868. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/3556/1592. Acesso em: 3 out. 2025.

WIKIPÉDIA. *Ilha do Bananal*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_do_Bananal. Acesso em: 1 out. 2025.